

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES

CURSO PEDAGOGIA

A POESIA DE MANOEL DE BARROS: COMPOSIÇÕES INFANTIS

Letícia Scherner

Lajeado, dezembro de 2014

Letícia Scherner

A POESIA DE MANOEL DE BARROS: COMPOSIÇÕES INFANTIS

Trabalho de Conclusão de Curso , na linha de formação específica em Pedagogia, do Centro Universitário Univates, como parte da exigência para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof. Ma. Fabiane Olegário

Revisão técnica: Róger D'Oliveira

Lajeado, dezembro de 2014

UMA MISTURA CONSIDERÁVEL...

*Abro passagem para pousar em mim os montes e os silêncios
Queria saber se atrás do arco-íris existe a cachoeira de chocolate
Banhar-se com música, chuva e algodão doce.*

Invento para me conhecer. (BARROS, p.21,2010)

*Piruetas acrobáticas de borboletas na escuridão
Ouvi uma tartaruga gargalhar no mar
Dentro do pote de vaga-lumes existe pó de pirilipimpim
Eu só faço travessuras com palavras.*

Não sei nem pular quanto mais obstáculos. (Ibidem,p.21)

*Temo por não saber tudo
O que vem depois da metade?
Estou aqui anotando os passos
Queria ser bem maior que meus sonhos.*

A maneira de dar canto às palavras o menino aprendeu com o menino. (Idem,p.23)

*Roda, roda, roda peixe é um navegador incansável
Âncoras,nunca foi o meu desejo!Escrevo palavras para voar no tempo.*

Dedico este trabalho as pessoas que gosto muito. Minha família, minhas afilhadas, meus amigos, colegas de trabalho, professores de hoje e de longa data, que foram fundamentais para a minha formação.

Agradecer sempre!

Cheguei a um momento da minha vida que não olho para trás porque sou viajante da minha própria história. Memórias inventadas, reinventadas, produzidas com o chão fértil de pessoas das quais o meu carinho se multiplica a cada dia que nos encontramos.

Aos meus pais, que sempre estiveram ao meu lado, nas conquistas e desafetos. Abriram a porta da casa e me abraçaram, aconchegando-me sempre ao lar. Meus irmãos, que com toda nossa diferença de idade, mantiveram-se perto do jeito deles.

Aos amores que degustei. Os que vão e vem. Mas que de alguma forma fizeram parte dessa conquista. Aprendi que amar pode ser uma segunda-feira á tarde com sorvete de confetes. Nunca estarei sozinha, tenho comigo a fé que dispara a qualquer obstáculo que tenta encobrir a minha alegria em ser como eu sou.

As minhas amigas Ana Luiza Wolschick, Joice F. Heissler, Rafaela Junges, Andrielle Dorneles, Daiane Nicolini Jung, por estarem concluindo junto a mim, uma etapa importante em nossas vidas. Por estenderem a mão, o braço, o ombro amigo sempre que necessário. Pelas dicas, puxões de orelha, pela companhia, pela amizade que aqui não se finda. Agradeço também a nossa pequena Isadora, que me completa com seu jeito doce de ser e viver.

Agradeço imensamente a minha orientadora, professora Fabiane Olegário, que não mediu esforços em me encorajar a uma pesquisa tão intensa. A caixa de e-mail's jamais será a mesma. Pelas orientações, cuidados, indicações e dedicação impecável com a minha pesquisa. Afinal, este trabalho não é só de minha autoria, mas compartilho contigo tudo que compomos até aqui. OGUEI?

A Manoel de Barros por me afetar diariamente nas suas poesias, inspirando a minha escrita junto às crianças.

A todas as escolas que abriram o espaço para realizar meus estágios, práticas, investigações e experimentações.

Aos meus pequenos alunos de todo dia, por fazerem a diferença.

A DEUS, por ser tão bondoso, sempre iluminando meu caminho e de quem eu quero bem.

RESUMO

Somos afetados o tempo todo. Forças oriundas da rua, do vento e do tempo. Inquietações suscetíveis ao medo e a ousadia de alinhamentos e tentativas de uma escrita dolorosa. Entregar-se ao tempo não linear é certamente o desafio que junto ao poeta Manoel de Barros me proponho nesse ensaio. Encontros potentes, em doses de poesia, crianças e desejos. As experimentações e subjetividades ímpares que pulsam, tocam, exprimem e fissuram barreiras do silêncio. Nesse trajeto abrigo na mala a seguinte problemática: de que modo às sutilezas do devir infantil podem ser cartografadas em um espaço escolarizado? O devir sem demarcações de temporalidade e circunstâncias. Conexões e fluxos que fazem e desfazem mundos. Escolhi o método da cartografia para enveredar as tramas da pesquisa. Estar à espreita, acolher o inusitado, fazer alianças com as insignificâncias, é disso que se trata. Não busco respostas, produzo desvios para pensar caminhos a percorrer.

Palavras-chave: Cartografia; Devir; Manoel de Barros;

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Grupos realizando os registros com as máquinas	35
Figura 2 – Grupos realizando os registros com as máquinas	35
Figura 3 – Foto de uma menina de 7 anos.....	36
Figura 4 – Foto de menina de 11 anos.....	37
Figura 5 – Crianças	39
Figura 6 – Crianças	41
Figura 7 – Registro de uma menina de 6 anos.....	44

SUMÁRIO

1 AFETAÇÕES	9
2 O DEVIR E UMA INFÂNCIA POTENTE	13
3 O POETA DO ANONIMATO	16
3.1 Um manelês feito de barro	17
4 INFÂNCIA(S) POSSÍVEIS E O ENCONTRO COM O DEVIR.....	20
5 ENSAIOS CARTOGRÁFICOS.....	24
5.1 Aos olhos de um cartógrafo.....	26
6 LUGARES DA INFÂNCIA.....	30
7	43
REFERÊNCIAS.....	45

1 AFETAÇÕES

Prezo velocidade das tartarugas mais que a dos mísseis.
Tenho em mim esse atraso de nascença.
Eu fui aparelhado para gostar de passarinhos.
Tenho abundância de ser feliz por isso.
Meu quintal é maior do que o mundo.
Sou um apanhador de desperdícios:
Amo os restos como as boas moscas
Queria que a minha voz tivesse um formato de canto.
Porque eu não sou da informática. Só uso a palavra para compor meus silêncios (BARROS, 2008).

Os anseios e as inquietudes são tantas nestes primeiros momentos dando a sensação de que nada se alinha, e em que nada se acerta. Escrever¹ é um ato doloroso, pois trata-se de desfazer de um pensamento regrado, e, tentar por o “corpo a ventos”. Poder sentir de certa forma, que as incertezas fazem parte de uma vida que pulsa, as quais seguem o fluxo de possibilidades de se aventurar e colocar o pensamento na rua.

Talvez, Manuel de Barros tenha pensado em um quintal onde tudo é possível, cada um com sua subjetividade e singularidade. Uma infinita quantidade de experimentações e possibilidades ínfimas. Mistura-se a isso, a infância, ou as infâncias, a(s) qual(is) o poeta pensa e escreve as palavras que compõe de forma infinita os silêncios.

Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há que ser como acontece com amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores que as pedras do Mundo (BARROS, 2008, p.67).

¹ Gilles Deleuze (1997) em seu livro *Crítica e Clínica* diz que escrever não é certamente impor uma forma (de expressão) a uma matéria vivida. Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. (p.11)

Fui afectada² pela poesia de Manoel. Ela de certa forma me alegra, alimenta a minha alma e provoca a criação, não se curva para a linearidade do pensamento. Permito-me ensaiar composições e criações com as infâncias no espaço escolarizado. Sem dúvida um desafio que escolhi trilhar na companhia do poeta de miudezas. Nesse trajeto pus na mala o seguinte problema: De que modo a poesia de Manoel de Barros pode provocar fissuras no espaço escolarizado? A intenção desta pesquisa é de realizar junto às crianças a invenção de mundos, cartografando o espaço escolar pelas lentes da máquina fotográfica. Quero oportunizar momentos em que as crianças possam capturar *flashes*, invisíveis aos nossos olhos e até mesmo aos delas, por se tratar de um ambiente em que passam a maior parte do tempo, mas que muitas vezes não percebem a singularidade das miudezas e das sutilezas ali presentes. Ao ler o texto, “Cartografias Infantis”, de Luciano Bedin da Costa, ficaram instigadas e afetadas pela possibilidade em poder realizar esta pesquisa com crianças.

Há outras maneiras de pensar a(s) infância(s) na escola? Como podemos observar atentamente as expressividades e subjetividades de cada um? Questões que agregam a pesquisa num sentido de qualificar tal processo sem distinção de resultados e definições do conceito infância.

Assim como a criança, a poesia do Manoel de Barros deixa rastros para pensar sobre uma infância da incompletude. É como degustar o sabor indefinido. Escolho a cartografia, como método de pesquisa que através de pistas orientarão o trabalho, a qual considera o processo, o objeto de pesquisa, e o pesquisador com os resultados (PASSOS E BARROS, 2009). “Fugindo dos processos formais, o cartógrafo mergulhado na sua pesquisa, se ocupa dos caminhos errantes, estando suscetível a contaminações e variações produzidas durante o próprio processo de pesquisa” (COSTA, 2014, p.5).

A cartografia enquanto espaço para compor com as experiências de vida. Investigar territórios inalcançáveis e inexplorados. É estar em constante movimento,

² Corazza (2005) aponta “esses afectos não são sentimentos nem afetos, no sentido conhecido dos termos, mas a parte não pessoal, invisíveis dos estados subjetivos e vividos, as vidências e os devires inumanos da professora e do aluno (por isto, os afectos são escritos com a letra c)”. (p.90).

ou até mesmo, em micro-movimentos, mas que de alguma forma impulsiona e inquieta o pensamento. Conforme Costa(2014):

[...] a vida é feita de segmentações, que somos segmentados por todos os lados e direções, em linhas que pertencem a todos os estratos que compõem o viver. Quando falamos de linhas estamos falando de forças, estas vindas dos mais diferentes espaços e situações: linhas sociais, econômicas, afetivas, institucionais, fabulatórias, memoriais, etc. (p.3)

Pensando em linhas, retas, curvas, semi-abertas, ou seja, uma infinidade de traços que podemos percorrer, a cartografia é criação, sendo assim, uma possibilidade para entender as diferentes formas de pesquisar. Um caminho de possíveis, para poder escolher rotas, construindo geograficamente as ruelas e os becos. Cartografar é desenhar no mar, movimentar-se com as ondas, em um vem e vai de possibilidades. (FONSECA E KIRST, 2003). Uma fonte inesgotável de trajetos que, podem ser reinventadas. Tecidas por entradas e saídas, que convocam a experimentação inflamando as verdades únicas e absolutas.

Este trabalho foi entrelaçando-se aos poucos. Fui sendo contaminada pela poesia de Manoel de Barros, e assim, fui me afetando aos poucos, com os sentidos aguçados experimentei outras composições e possibilidades de escrita. Acentuando o ato da escrita para além de um suposto entendimento imediato. Minhas primeiras tentativas estavam enraizadas em uma única infância, mas ao longo da minha pesquisa evidenciei as infâncias possíveis de se experimentar. Algumas modificadas com o tempo, preservadas na memória, roubadas em cada esquina, percorrendo lugares invisíveis e inalcançáveis. Uma infância que se perdeu em livros, histórias, em protagonizações do ser, talvez roubada por cada um e nós diariamente em nossas falas e análises mal resolvidas. E nessas tentativas de percorrer caminhos que me desafiaram junto ao problema da pesquisa fui descobrindo que escrever requer muito mais de mim do que apenas soltar o verbo. Fluidez, preparo, atenção, composições doloridas em dias, noites, meia tardes as fragilidades das verdades que fui encontrando em cada linha.

O corpo já estava praticamente tomado por essa transformação do pensamento. Posso comparar esse processo como a erva daninha, ela cresce, se espalha e nunca saberemos sequer o seu início e fim. Onde muitos não enxergam, o seu devido valor passa somente pela inutilidade. E ela continua o seu caminho

sem saber qual será o seu destino, apenas arrisca-se em prosseguir se proliferando. A erva daninha movimentando-se em mim, muito antes de saber o rumo de toda a pesquisa e de onde pude dizer ao certo que era o início. Já não sei, apenas permiti que ela pudesse me mostrar outras formas de ver e sentir a infância em atos e criações com as crianças. Não seria apenas eu, e sim, Manoel, crianças, espaços, situações, falas, fotos. Fomos tomados por sensações e subjetividades dos lugares que encontramos. O rizoma estava se formando em cada articulação da pesquisa. Deleuze (1995) diz:

Um rizoma como haste subterrânea distingue-se absolutamente das raízes e radículas. Os bulbos, os tubérculos, são rizomas. Plantas com raiz ou radícula podem ser rizomórficas num outro sentido inteiramente diferente: é uma questão de saber se a botânica, em sua especificidade, não seria inteiramente rizomórfica. (p.14)

Rizoma possível pelo contato com a erva daninha, o problema de pesquisa e toda força gerada entre os envolvidos. “Há o melhor e o pior no rizoma: a batata e a grama, a erva daninha.” (DELEUZE, 1995, p.14). Saber que o bom e o ruim se alinham ao rizoma, entrelaçando-se nas linhas compostas pelo trabalho. A erva daninha aqui, trata-se como um processo de proliferação, contaminando-me a cada percurso, impulsionando o pé, o chão estava tomado pelas incertezas, não era somente meu, mas de todos que foram afetados por ela. Incorporações que se espalham em dúvidas e incertezas. Chego a pensar que algo deve estar errado, não encontro respostas. Mas o que eu quero encontrar? Talvez já tenhamos com o encontro e os afetamentos muito mais do que imagináveis e rizomas que se espalham pelas minhas entranhas, machucam os pensamentos lineares, pulsam e manifestam sentimentos. Difícil manter uma constante tranquilidade. Não há como discernir o melhor e o pior, muito menos, o bem e o mal. Movimentos rizomáticos que dispensam o controle. Possibilidades de estar e ser transformado em cada situação. É, a contaminação, que eu consinto.

2 O DEVIR E UMA INFÂNCIA POTENTE

O devir enquanto difusão de um olhar para além da rotina que nos cerca. Sem demarcações e propósitos de uma prática de resultados. O devir nos remete no tempo grego, aión, chrónos e kairós. Chrónos designa a temporalidade cronológica, basicamente demarcada pelo passado, presente e futuro de uma pessoa. (KOHAN, 2004.)

Ainda sobre a temporalidade grega, Kohan (idem) reafirma:

Talvez se abrissemos a memória em uma dimensão aiônica do tempo, quiçá ela pudesse ser, ao contrário, algo da ordem da ruptura com o passado e com a temporalidade contínua e sucessiva do antes e do depois; talvez a memória possa dar algo da ordem do afastamento do passado, da recusa do outro tempo e da instauração de um novo tempo para pensar, de um novo início para pensar, e de um tempo para pensar. (p.57)

Quais são as infâncias que me interessam? Em que tempo vivemos?

Não busco aqui nenhum método que me aponte o que é certo ou errado, nem tampouco me ocupo em pensar a melhor ou a pior infância. O que quero enquanto pesquisadora é olhar com outros olhos, estar atenta a este tempo intenso sem a presença de moldes. Porque o que importa é a infância que brinca no tempo aiônico, nômade de saberes e estratégias, questiona, dança, brinca, está em todos os lugares possíveis sem delimitações. Pousei minhas lentes sobre essa infância, para o tempo do devir que desenha geografias.

Caminhava na avenida com os fones de ouvido. Escutava as músicas, e no ritmo delas preenchia os passos. Largos, com pressa. Então vi uma família reunida em torno de uma criança de mais ou menos três anos. Ele, na sua bicicleta de rodinhas e uma menina com mais ou menos 5 anos, que também havia bicicleta

mas, sem as rodas. A menina estava insegura, um familiar a segurava, dava impulsos para que a mesma pudesse percorrer pequenos espaços. Ainda com medo a menina colocava os pés sobre o chão. E o garoto corria o mais rápido que podia, pois sabia que estava firme, tinha base, queria apenas alcançar os demais (DIÁRIO DE CAMPO, 30/04/2014).³Continuei...mas aquela cena me fez pensar muito em tudo que estou passando e principalmente no andamento da minha pesquisa. E de certa forma, sobre as incertezas, os caminhos errantes, e o compromisso que tenho comigo mesma (DIÁRIO DE CAMPO, 30/04/2014).Mas também, me fez pensar sobre o devir e a bicicleta. O exato momento em que o pé vai de encontro ao pedal, e o movimento do mesmo, proporcionam grandes emoções e uma oportunidade de sentir no vento que toca no rosto. Não é cronometrado, muito menos planejado, apenas apreciado, e a cada nova pedalada, novas orientações são proporcionadas (DIÁRIO DE CAMPO, 30/04/2014).

Kohan (2004):

Somos habitantes dos dois espaços, das duas temporalidades, das duas infâncias. Uma e outra infância não são excludentes. As linhas se tocam, se cruzam se enredam se confundem. Não nos anima a condenação de uma e a mistificação da outra. Não se trata, por último, de dizer como há que se educar as crianças. A distinção não é normativa, mas ontológica e política. O que está em jogo não é o que deve ser (o tempo, a infância, a educação, a política), mas o que pode ser (pode ser como potência, possibilidade real) o que é (p.63).

“Capturar o silêncio”, “Esticador de horizonte”, enfim são “inutilidades” que talvez nos façam ver que de alguma forma as inspirações de Manoel de Barros causam efeito nesse tempo integral, sólido do aqui e agora. Não há como imitar um devir. Para Deleuze (1995):

Devir é jamais imitar, nem fazer como, nem ajustar-se a um modelo, seja ele de justiça ou de verdade. Não há um termo de onde se parte, nem um ao qual se chega ou se deve chegar. Tampouco dois termos que se trocam. A questão “o que você está se tornando”? é particularmente estúpida. Pois à medida que alguém torna se torna, o que ele se torna muda tanto quanto ele próprio. Os devires não são fenômenos de imitação, nem de assimilação mas de dupla captura, de evolução não paralela, núpcias entre dois reinos (p.10).

³ As escritas no diário de campo aparecem em todo o trabalho que segue, em letra itálica a fim de marcar o registro.

Os devires são compostos de “entre” e de “meio”. Movimentos capazes de acontecer com um piscar de olhos, com uma fração de segundos, os devires de ser e estar. O tempo aí, seriam as linhas de fuga, criando sempre um novo meio. Habitamos essas temporalidades, vivemos de forma cronológica e também com a intensidade de estar em devir minoritário. (KOHANN, 2004). O devir não é de certa forma identificação, imitação, mas achar parentescos e indiferenças, para distinguir-se uns dos outros. (DELEUZE, 1995)

O poeta Manoel de Barros através da escrita tem a arte da criação, dá liberdade para inventar novas brincadeiras, que deslizam pela alegria de viver e pelas travessuras que acompanham os imprevisíveis trajetos. Uma poesia mágica que leva a infância as linhas do acontecimento e do devir, potencializa o detalhe, o ínfimo e o menor. (OLEGÁRIO, 2012).

3 O POETA DO ANONIMATO

“E agora o que fazer com essa manhã desabrochada a pássaros?” (BARROS, 2004).

Manoel de Barros é um poeta que começou a publicar no século XX, desde a década de 30, mas começou a ser reconhecido somente a partir da década de 80. Algumas de suas obras: Poemas concebidos sem pecado (1937); Face Imóvel (1942); Arranjos para Assobio (1980); Concerto a céu aberto para solos de ave (1991); Memórias Inventadas (2008). Mesmo com essa vasta biblioteca, ainda tem um público específico. Diria até mesmo que muito seletivo.

No poema Cabeludinho(1996), ele conta um pouco a sua história:

Sob o canto do bate-num quara nasceu Cabeludinho
 Bem diferente de Iracema
 Desadando pouquíssima poesia
 o que desculpa a insuficiência do canto
 mas explica a sua vida
 que juro ser o essencial
 -Vai desremelar esse olho, menino!
 -Vai cortar esse cabelão, menino!
 Eram os gritos de Nhanhá (BARROS,1996,p.7).

É Manoel ainda pequeno, dando seus primeiros passos. Fala da escola, e quando foi descoberto como poeta:

No recreio havia um menino que não brincava
 Com outros meninos
 O padre teve um brilho de descobrimento nos olhos
 -POETA!
 O padre foi até ele:
 - Pequeno, por que não brinca com seus colegas?
 -É que estou com uma baita dor de barriga desse feijão bichado.
 (IDEM, p.10).

Fala da infância com facilidade. Quem tenta descobrir seus inventos não consegue tamanha a sua vivência e expressividade com as palavras. Sua poesia foi feita para não ser da ordem do entendimento. Não se sabe se noventa por cento é invenção, ou dez por cento é mentira.

Escrever sobre o nada, ou sobre os restos é como inventar objetos. Dar sentido a coisas. Ver talvez que uma cadeira é muito mais do que somente sentar. A poesia de Manoel de Barros é enganar-se com as próprias prosas. “Invenção serve para aumentar o mundo”. (BARROS, 2008.) A infância, poesia e a literatura soam com uma singularidade plural como diria Manoel. Uma afeição por empatias.

Eu tenho um ermo enorme dentro do olho. Por motivo do ermo não fui menino peralta. Agora tenho saudade do que não fui. Acho que o que faço agora é o que não pude fazer na infância. Faço outro tipo de peraltagem. Quando criança eu deveria pular muro do vizinho para catar goiaba. Mas não havia vizinho. Em vez de peraltagem eu fazia solidão. Brincava de fingir que pedra era lagarto. Que lata era navio. Que sabugo era serzinho mal resolvido e igual a um filhote de gafanhoto. Cresci brincando no chão, entre as formigas. De uma infância livre sem comparamentos. Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação [...] (BARROS, 2008, p.187).

Misto de sentimentos e de vozes. Manoel é um artista contemporâneo que foge da poesia convencional.

3.1 Um mannelês feito de barro

A poesia de Manoel de Barros é como um punhado de barro que pode ser colocado em qualquer ambiente, algo inacabado, um reencontro entre o ser e o existir. Neto (1997) salienta a infância que aparece nas obras de Manoel de Barros:

Vale lembrar que ela vai fazer de sua poesia uma revivescência dos mitos da infância. Uma das características mais marcantes de sua poesia é que ele chama de *molecular* o idioma, ou seja, usá-lo de forma não-lógica. Aqui o sentimento de perda é o drama inicial que vai definir futuras opções do poeta (p.8).

Em sua obra intitulada “Memórias Inventadas”, o poeta, faz uma alusão com as palavras e com tudo o que podemos inventar. O título já é uma metáfora, o qual o poeta se utiliza para referir-se a lembranças, pode ser dele ou que meramente não passou de um invento, uma arte de se propor a criar ou recordar. Ele escreve para deixar uma ordem do inquestionável, não pretende ser compreendido.

As palavras e a poesia sendo potencializadas com o a criança Um jogo de combinações e expressões do imaginário. O leitor mergulha nas escritas e acaba “sujando-se”. Barros e as crianças encontram-se em um espaço de possíveis criações onde se misturam ao ser animal, natural, vegetal. (KOHAN, 2004). Uma leitura que afeta e transporta a outros territórios.

A criança tem características próprias de reinventar-se. Manoel de Barros coloca em conflito a palavra e o sentido em que ela pode ter a todo o instante.

Larrosa (2010):

Não obstante, e ao mesmo tempo, a infância é um outro: aquilo que sempre além de qualquer tentativa de captura, inquieta a segurança de nossos saberes, questiona o poder de nossas práticas e abre um vazio em que se abisma o edifício bem construído de nossas instituições de acolhimento. Pensar a infância como um outro é, justamente, pensar essa inquietação, esse questionamento e esse vazio. É insistir uma vez mais: as crianças, esses seres estranhos dos quais nada se sabe, esses seres selvagens que não compreendem a nossa língua (p.184).

A criança é um ser estranho e que ao mesmo tempo nos parece tão familiar. A infância mistura-se ao presente, passado e futuro. Um devir que impulsiona o ser no seu mais marcante viver. “É preciso pensar o devir criança enquanto átomos de infantilidade, que produzem uma política infantil (desta vez, sim) molecular, que se insinuam nos afrontamentos molares de adultos e crianças” (CORAZZA *apud* KOHAN ,2003, p.101).

As relações entre adulto e criança sempre se manifestaram com muita intensidade. Uma pela dependência que o infante tem nos seus primeiros anos de vida, e também pelos laços de afetividade que são construídos ao longo de sua vida, em diferentes contextos. A infância é feita de memórias, que potencializam a sua existencialidade.

Manoel nasceu com uma anomalia incurável, nasceu poeta. Com um lápis e um bloquinho, fez versos e criou um mundo. Adentrar a esse universo de dialeto Manoelês, absurdo e paupável, afeta e embaralha os sentidos. É sentir o cheiro das cores, ouvir os passos das palavras, tocar na sonoridade de cada palavra. “Poesia é o belo trabalhado.” Seu trabalho é realizado em letra miúda, em um quarto pequeno em décadas de trabalho, (no lugar de ser inútil). Ele esboça o deslimite das coisas, vai além do que podemos imaginar e pensar. Também chama a atenção para o

ínfimo, o pequeno, o que não vemos. “Só as coisas rasteiras me celestam.” “O olho vê, a lembrança revê e a imaginação transvê”.(BARROS, 2008) O poeta tem o dom de transformar as coisas através da palavra. Ver coisas que não existem, ser um vidente (BARROS, 2008).

Sou um sujeito cheio de recantos.
Os devãos me constam.
Tem hora leio avencas.
Tem hora, Proust.
Ouço aves e beethovens.
Gosto de Bola-Sete e Charles Chaplin.
O dia vai morrer aberto em mim.
(BARROS, 1996)

Mas o que as crianças e o poeta têm em comum? A simplicidade de encantar pela pureza em tocar as palavras e por ser infante na sua mais tenra idade. Manoel de Barros, não deixa rastros de sua vida, sua biografia é confusa, uma traquinagem pura. Sua infância ecoa nas linhas em que escreve os devires de um invento inacabado.

Os devaneios estão intrínsecos nas linhas abertas de sua poesia. Ela se alimenta do imaginário, as lembranças são a alma inspiradora para escrever, uma mescla do passado, é marcante e forte, evoca o *eu* memorial. (LINHARES, 2006). Assemelha-se a uma criança que mergulha no universo linguístico, desinibido com as palavras. Viver entre essa linha divisória, um divisor de águas, sou o que sou, ou posso ser que eu era. Metade de mim lembra-se das tardes em meio as panelinhas e bergamoteiras, outra metade se lambuza em recordar o gosto do algodão doce. Somos feitos de memórias inventadas? A infância poetizada em verbetes e miudezas de um mundo áspero. “No anseio de dar continuidade a esse olhar divergente, que se vale de uma maneira modificada de percepção, é que se move Barros” (LINHARES,2006.s/p).

Acredito que Manoel e a cartografia têm muito em comum, são caminhos que fogem de explicação, não tendem a uma razão, pois ambos acolhem o sentir. Quem usar a poesia de Manoel e a cartografia deve ser um bom ouvinte, estar à espreita, enxergar mundo à fora desperdícios. Porque toda criança tem um mundo imaginário, ou vive em um. Seria um mundo do devir poético, então. Isso que definiria o caminho é o abandono deste universo para a vida adulta (NETO, 1997).

4 INFÂNCIA(S) POSSÍVEIS E O ENCONTRO COM O DEVIR

Falar sobre a infância tem se tornado fácil nos últimos tempos. Vemos uma legião de estudiosos e especialistas excepcionalmente agarrados a teses e teorias com a intenção de descobrir o que ainda está encoberto. Será que podemos conceituar a infância? “Nós sabemos o que são crianças, ou tentamos saber, e procuramos falar uma língua que as crianças possam entender quando tratamos com elas, nos lugares que organizamos para abrigá-las.” (LARROSA, 2010, p.184). Um tempo sem demarcações. Um tempo, disposto a mudanças, fissuras que rompem o presente e abrem outras sendas.

É a memória que se atualiza quando acionada. Deixa de ser passado para tornar-se um vir a ser. Infância tecida pelos encontros. Subjetividades únicas que produzem afetamentos em si e no outro. “Afetar denuncia que algo está acontecendo e que nosso saber é mínimo nesse acontecer.” (LAZZAROTO E CARVALHO, 2012, p.25). Atentar para o que as crianças estão querendo nos dizer. Afetações pode ser a rua, a árvore, a bicicleta, o brinquedo, o livro, a casa, os pais, um alfinete, um palito, uma caixa de papelão dentro de tantas outras. Estão sempre dispostas a nos mostrarem que as relações que estabelecemos entre os espaços que habitam são capazes de fazer sentir sensações que desconhecemos.

A subjetividade das crianças me encanta. Os modos como pensam sobre tudo, o olhar desarmado. Acreditar que o invisível transporta-me a muitas vibrações. O que não é visto, talvez seja o devir, a mudança que cada sujeito interioriza. (DIÁRIO DE CAMPO, 31/08/14).

“Os acontecimentos menores ignoram ou afrontam as palavras de ordem; são livres para diferir, discordar, multiplicar saídas.” (COSTA, 2007,p.12). Não existe fórmula para que o devir aconteça e tampouco possibilidade de determinar quando e onde ocorrerá.. A minha hipótese é que muitas vezes encontra refugio, refugia nas coisas desvaloradas e ordinárias que não prestamos atenção. Não está intrínseco na infância, na criança ou em outro sujeito, pois, sobretudo foge dos padrões identitários. Não pretendo localizar, nomear o devir, estou apenas criando possíveis fatos. Experimentar, deixar-se tocar pelas miudezas do meio é permitir devires.

Subentender que o silêncio que invade o barulho é o mesmo que segue a doçura de passos leves. Nem tudo o que vemos e escutamos é o que nos parece ser na sua mais impecável autenticidade. Há momentos em que necessitamos de pequenas paradas, leves, sutis, em outras, aglomerações de expressões que vazam e deterioram o que está posto. O devir e a infância desprendem-se de entendimentos subliminares. É o dito, o escrito, o sentido e o que não é alcançado. Estão em um nomadismo constante. Preferem não ocupar um só lugar, mas todos os possíveis de se sentir. Costa (2007) escreve:

Num devir, identidades se dissolvem, há um transbordamento do eu em direção a algo que não lhe pertence, que não possui identidade. Devires ocorrem momentaneamente, intensamente. Forças, fluxos, migração de partículas intensivas, de afectos; efeitos de superfície. Ausência de sujeito e objeto, movimento sem fim nem começo. Atemporal, a-histórico, descentralizado. O que ocorre nas bordas, nos limiares, de modo involuntário e imprevisível. Não se provoca devires. Um devir acontece. (p.31)

A criança se constitui essencialmente pelo que vive. Corre, brinca, explora, pula, olha, cai, observa, ri, abraça, deseja, aprende. Solta em mapas não alinhados, percorre extensivas rotas, e o meio é o fluxo para estar em qualquer lugar, sem contratempos. “A criança não para de dizer o que faz ou tenta fazer: explorar meios, por trajetos dinâmicos, e traçar o mapa correspondente.” (DELEUZE,1997,p.73). Os múltiplos trajetos que misturam a infância, a criança e o devir. Deleuze (1997) explicita que:

Os mapas, ao contrário, se superpõe de tal maneira que cada um encontra no seguinte um remanejamento, em vez de encontrar nos precedentes uma origem: de uma mapa a outro, não se trata da busca de uma origem, mas de uma avaliação dos deslocamentos. (p.75)

Cartografar espaços não explorados refiro-me a prática com as crianças no espaço escolarizado. Desejo, “habitar um estado de coisas, seus trajetos possíveis,

seus impossíveis, subtrair o que insiste e produzir com.” (COSTA; ANGELI e FONSECA, 2012, p.45). Para então compor infâncias. As provocações instauradas na alma, desacomodar-se e vasculhar em linhas imaginárias do outro.

Composições de escritas e da poesia. O encontro, o contato, o estranhamento. Sentir o eterno frio na barriga. A sensação ligeiramente de estar ocupando um espaço não explorado e experienciar algo que não está nos planos. Nada está pronto e sim suscetível a embriaguez dos olhos, o perfume das coisas e a expectativa do que não é vivido. (DIÁRIO DE CAMPO, 31/08/14).

Os planos para o encontro entre a pesquisa e as crianças podem seguir diferentes caminhos, rotas, ruelas de esquinas longínquoas, criando a possibilidade de afetar-se e ser afetado. Expectativas colocadas na imersão de sentimentos, fluidez para algo que está longe de ser desmitificado. Uma potência inigualável entre os corpos. As infâncias sendo resignificadas em um processo de afetamentos. A poesia invade as palavras traçadas ao fio de luz que emana as entranhas do ser. Poetizar com os corpos, os outros que advêm para compor as singularidades infantis que comportam a serenidade e o indecifrável. “Processos de subjetivação é o que resulta na experiência de produção de sentido com o mundo.” (FARINA, s/a, p.10).

O sol invadia a minha janela e antes mesmo que eu pudesse abrir os meus olhos, bem ao fundo eu escutava o amanhar nascendo no canto dos pássaros. Esticando-me na cama, coloquei a mão na janela e a empurrei com força, recebi o dia como quem tivesse algo a fazer por ele. Não sabia o que aconteceria, apenas permiti que hoje eu estaria aberta as descobertas que nele habitam. (DIÁRIO DE CAMPO, 21/09/14).

As palavras escapam no ato de escrever. Assim como a infância não pode ser traçada em uma rota constante, nunca se pode calcular previamente o que encontraremos. Confundimo-nos com a pesquisa o tempo todo, os riscos e o medo imperam em borbulhos silenciosos. Terrenos frágeis, não há fórmula para se ensinar um encontro. Os lugares não identificados, praticamos o espaço uma experiência para a arte de inventar. (FARINA,s/a). Digamos que eu propus a mim mesma confrontar as inibições que a ousadia da pesquisa permite. Tentei experimentar escritas. A pesquisa, assim, como as crianças requerem o devido valor da causalidade. Sou uma agulha capaz de furar os sólidos, fujo as normas e regras

que a vida incansavelmente estabelece. Quero contaminar o terreno fértil, as mãos porosas que são estendidas, os espaços vão modificando-se em segundos. Farina (s/a) acredita que:

Mas, o fundamental são os espaços que somos capazes de criar sobre o lugar: espaços de abertura à experiência, de experimentação da autonomia, que nem o totalitarismo dos lugares modernos, nem a desidentificação recorrente dos não lugares da atualidade, podem evitar. Tudo depende da qualidade de relação que somos capazes de construir a partir deles. Esse é o espaço do viajante: principiante até o fim. (p.11)

E qual seria o fim? Existiria nessa imensidão o fio condutor até as devidas finalidades de nossa existência? O devir infantil sendo contemplado através de lupas minúsculas, sutis, míopes de relevância e identidades. Tivemos o encontro e desse surgiram milhares de encontros não identificados. Habitamos os espaços com uma totalidade e ao mesmo tempo com incompletude para seguir em frente.

5 ENSAIOS CARTOGRÁFICOS

A cartografia é apresentada neste trabalho como um método de pesquisa capaz de rastrear a leveza do olhar da infância, a qual deixa brechas para o estranho, induz, lançando o olhar para intervir nesse processo. (PASSOS, 2009). Potencializo as dúvidas sem a pretensão de encontrar uma resposta definitiva, portanto, transcorro, caminhos ainda não percorridos, tendo a possibilidade de me articular com a bússola do rastreamento geográfico.

É claro que enquanto pesquisadora, tenho que estar mergulhada em experiências inseparáveis daquilo que eu sou. Subjetividades oriundas de outras. Trocas, contatos, manejos, viagens, lugares, silêncios. Capturas minhas, internas do meu eu, enquanto um ser inquietador. Sou feita de subjetividades, e isso é um fato. O cartógrafo é um amante dos acasos. Sendo assim, não busca a verdade. É esse entre⁴, esse devir imperceptível o qual me refiro e a cartografia me permite isso.

Trago uma citação de Fonseca (2003) a qual ajuda a pensar:

Cartografar remonta a uma tempestade... Tempestade de escolher rotas a serem criadas, constituir uma geografia de endereços, de registros de navegação, buscar passagens... Dentro do oceano da produção de conhecimento, cartografar é desenhar, tramar movimentações em acoplamentos entre mar e navegador, compondo multiplicidades e diferenciações (p.91).

Diria então que é um encontro. Muito mais de sensações, entre o cartógrafo e o objeto. E nesse vai e vem de ondas, a cada movimento uma nova sensação. As

⁴ Saliento algo que está *entre*, aquilo que está entre dois pontos. (Cezar,2008)

dúvidas também tomarão conta durante esse trajeto, é nessa perspectiva que escolhi trilhar.

Um mar de “fueguitos” Como disse Eduardo Galeano em seu documentário “Não somos iguais”. Deveras, tenho que concordar tamanho as angústias que sinto pelo trajeto que venho percorrendo. Algumas pessoas tendem a me entender, outras não. Mas tem algo que me acalma, a música e a poesia. Fazem com que esses turbilhões de medos, invasores das minhas noites mal dormidas, se vão ao um simples tocar, sentir, ouvir. Somos luzes que faíscam no caos! RAPPÁ. (DIÁRIO DE CAMPO, 13/05/2014).

Nem sempre é fácil capturar o que queremos. Foi preciso me contagiar com leituras, muitas delas que construíram pilhas de livros. Embriagada pela pesquisa com poesia, música, imagens, comida e tudo que fosse importar ao trajeto. Os primeiros contatos que tive com a pesquisa cartográfica foram um tanto audaciosos, com certo descaso, em uma disciplina do curso de Pedagogia, intitulada Prática Investigativa II. Na qual, tive a oportunidade de conhecer diferentes espaços não escolarizados e assim cartografar práticas enquanto alunas. Mas como, cartografar aquele espaço? Ou espaços? Sem realizar tais registros costumeiros e comuns. Depois de alguns ensaios, vi que era sim, possível, sair do comum, causar o efeito da própria negação (aceitação)

As primeiras linhas derradeiramente ousadas em papel e no computador, foram agraciadas pelos versos incertos e inquietudes de uma sutileza desajeitada. Apontei o olho a buracos dispostos, lancei ao vento o desejo imediato que se alastrava a uma sede que não era saciada por água. Bebi as letras, literalmente. Fotografei o tempo, e, saltei com um paraquedas aberto sem rumo definido. A partir dessa experiência percebo que fui afetada. É então, que me vejo, como uma cartógrafa, amante de linhas imaginárias e turbulentas. O que move um cartógrafo? O desejo. É tocado por algo, que nem ao menos sabe o porquê. Os corpos dizem muito nesse processo. É o pulsar, a pele que repele os sentimentos e afetos (ROLNIK, 2006). A cartografia pensada como máquina, que faz os sujeitos envolvidos no processo, tem a possibilidade de modificá-lo através das experiências e subjetividades (FONSECA, 2003).

Fonseca (2003):

Na pesquisa cartográfica, o tempo pulsa, pois se evidenciam os modos pelos quais os sujeitos percebem, experimentam e narram a passagem do tempo em suas próprias vidas e naquilo que estudam. Por este motivo, o conhecimento desde o momento de produção não pode ser tomado como algo geneneralizante, mas singularizante e único (p.99).

O tempo pensado fora da lógica cronológica é desejar-se sujar A pesquisa é vivenciada, e permite experimentações. A atenção é uma das principais fontes inesgotáveis de que o cartógrafo necessita. Não penso que deva se seguir a um roteiro sistemático, pode ser apenas pistas, recortes, únicas e ímpares para construir o caminho.

A vida é feita de encontros e desencontros. “Por onde andei” (isso até me fez lembrar da música do Nando Reis...risos... no meu quarto... com pijama Com quem cruzei, o que vivi?. Faz parte de mim. Aonde eu quero estar no ano que vem?Na parede do meu quarto eu colo fotos, de pessoas das quais eu gosto. E há algumas semanas eu tive o prazer de receber cartas de amigos queridos da EPE-Bogotá. Sinto ainda o cheiro das “calles”(ruas), escuela(escola),e do tinto(café). Lembranças. Doces Recuerdo (DIÁRIO DE CAMPO, 14/05/2014).

5.1 Aos olhos de um cartógrafo

O que caracteriza um cartógrafo? De quem estou falando? Talvez pudesse arriscar algumas respostas. Caminhar e percorrer situações conforme o dia, a cor e a intensidade. Se não estivermos conectados, entregues, é bem provável não nos deixaremos afetar. Situar-se num campo geográfico, e aqui me refiro ao ato de perceber uma extensão territorial de solo, pontos cartesianos, latitudes, longitudes, culturas, linguagens, capturas, conquistas. Uma pista que considero importante é que o cartógrafo “não coleta dados; ele os produz. Ele não julga; ele coloca em questão as forças que pedem julgamento.” (COSTA, 2014, p.3).O meio cartográfico permite um estranhamento do mapa geográfico e do objeto. Confronto incessante, um processo lento, requer muito mais de si do que do outro. Tentativas postas ao vento, mapeando as sensações e sentimentos que fluem sem saber o início, afinal, a cartografia se desprende de qualquer habitual formalidade. Deleuze (1998):

Nunca é o início ou o fim que são interessantes; o início e o fim são pontos. O interessante é o meio. O zero inglês está sempre no meio. Os estrangulamentos estão sempre no meio. Está-se no meio de uma linha, e é a situação mais desconfortável. Recomeça-se pelo meio (p.52).

Há certos hábitos que são íntimos e peculiares. Temos que dilacerar as comodidades. É uma mudança interior, de dentro para fora, que, reflete acerca do que vê, sente, lê, escreve e escuta. Não há questionamento maior do que minhas impressões sobre mim mesmo. Bem provável que terá dias em que nada será feito. A quantidade não define a qualidade de uma boa cartografia.

Quanto barulho cabe dentro de um silêncio? Por mais que eu queira e tente dentro de mim soam trombetas, buzinas, vozes e cenas. Deitada na minha cama. Tudo quieto, os olhos cansados se entregam. Silêncio! Sshh! Si-lên-cio! (DIÁRIO DE CAMPO, 19/05/2014).

A cartografia não estará pronta, a ideia é praticá-la quantas vezes for necessário, trilhos que se manifestam quando estamos afetados. Cabe a mim, extrair os elementos dessa rede de dispositivos ⁵ para permitir que outras forças me afetem. Fugir é exatamente isso, sair do eixo, ou da zona de conforto. São viagens em rotas curtas e longas, durações intermináveis, poder estar aqui e ali ao mesmo tempo. Próximo a pessoas e coisas. E enquanto eu estiver estática, posso estar em plena fuga. “Uma fuga é uma espécie de delírio. Delirar é exatamente sair dos eixos (como “pirar” etc). Há algo de demoníaco, ou de demônio em uma linha de fuga.” (DELEUZE, 1998, p.53).

Nas minhas primeiras escritas. Tive um bloco de anotações que ganhei de um colega de escola. Procurei deixar sempre em lugares de fácil acesso para que os momentos fossem registrados. Não importa a caligrafia, mas o conteúdo do qual estava compondo nas escritas iniciais. É um diário de bordo, um dispositivo ao entorno. Como aponta Olegário (2011):

⁵ Michel Foucault (1979) apud KASTRUP e BARROS (2009) nomeia dispositivo como um conjunto de discursos, leis, enunciados, ou seja, é o que se pode estabelecer entre os elementos. (p.77)

Cruzamentos formados por inúmeras inquietudes foram escritos no diário de campo, que é utilizado por mim enquanto recurso metodológico da pesquisa. Esta forma de anotação escrita é pensada a partir da noção do dispositivo, cujo movimento de escrever, ler e pensar possibilita acompanhar e acolher novos encontros tecidos na experiência, que vão dando o tom, o ritmo e a musicalidade à pesquisa (p.34).

Gosto muito de música, minhas associações sempre partem de algo que mexe com minhas sensações. Lanço perguntas para pensar sobre a minha pesquisa seguir o trajeto: De que modo o devir pode estar presente na infância? O que caracteriza um cartógrafo? Também tenho em mim um gosto por fotografias, capturas de imagens micro e macroscópicas de situações de um devir. Formações de desejo. Acho que tudo parte disso! Desejos incuráveis que se fundem a ideias inacabadas, mas que de alguma forma impulsionam a um prazer fulgaz. Trago uma citação de Deleuze (1998) que trata sobre o desejo:

O desejo não é, portanto, interior a um sujeito, tampouco tende para um objeto: é estritamente, imamente a um plano ao qual ele não preexiste a um plano que precisa ser construído, onde partículas se emitem. Fluxos se conjugam. Só há desejo quando há desdobramento de determinado campo, propagação de determinados fluxos, emissão de determinadas partículas (p.105).

A escrita acontece em papel timbrado, cetim, em uma embalagem de pão ou naquele papelzinho colorido do chão. “O cartógrafo é um verdadeiro antropólogo: vive de expropriar, se apropriar, devorar e desovar, trasvalorado.” (ROLNIK, 2006, p.65). Eu, como cartógrafa não tenho pretensão de encontrar a resposta, até porque a resposta não se encontra, se produz.

O céu não é o limite e para mim ele não é azul, é colorido, carregado. As direções que me orientam também me confundem. As pessoas me confundem. Sofro de psicanálises. Quando questionada sobre minha pesquisa, as caras e bocas são inevitáveis. Não sei exatamente se alguém percebe o tanto quanto ela é desprovida de qualquer entendimento em primeira instância. Escrevi sem pudor, com alma desprovida de medos. Tive receios, mas que de certa, fizeram eu me entregar de corpo aos escritos e as miudezas de cada linha. (DIÁRIO DE CAMPO, 04/06/2014).

Encontros, poderia aqui citar inúmeros desde que iniciei as linhas da pesquisa. Comigo mesma, com minha orientadora e com autores. Todavia, seria

também possível dizer que destes, surgiram desencontros, de amigos, de ideias, de atitudes, de tempo. Tempo inimigo ou fiel aliado? Indescritível dizer quais seriam as afeições para com o crucial tempo. Mas diria também que ele foi generoso e favorável comigo. Até aqui, devo dizer que “as afecções” (CORAZZA, 2005, p.92) foram fortes o suficiente para pulsar dentro de mim uma pesquisadora que faz e desfaz as linhas.

6 LUGARES DA INFÂNCIA

Identifico-me com as crianças, gosto de estar na companhia delas, escutá-las, rir, brincar é talvez intensificador de encontros. Momentos que nos desprendemos de nós mesmos, inventamos espaço à liberdade momentânea. *Impulso! Isso mesmo. Ter força nos pés, o vai e vem do balanço. Posso tocar as nuvens? Salarê ,minguê, o sorvete colorê, feitos de glitter? Algodão? Anjos que brincam no céu?* (DIÁRIO DE CAMPO, 19/05/13).

A criança produz inquietude e surpresa, até parece que desconhecem as regras prontas. Vive em um mundo privado de gozar traquinagens. Permite pausas e um caminhar desacelerado. Passos e descompassos de uma dança nova, as vozes soltas em notas desmioladas e sem afinação. Jódar (2002) destaca:

Os arredores. Ali, onde, ao andar, as pessoas se requebram e fazem ginga; onde, para não topar nas cantoneiras, elas, cantando e dançando, desviam-se e inventam passos. É um espaço de finta e de balanço. Nos seus arredores tudo se desformaliza, não se segue reto nem correto, mas também não se chega ao caos total. Tampouco é lugar de palavra unívoca (p.37).

Na Idade Média, as crianças permaneciam a maior parte do tempo com os adultos, juntamente com os pais, trabalhavam e participavam de jogos. Não havia o momento íntimo, era muito mais um coletivo de ações. Uma época em que a família primava pela posse. A criança, não se diferenciava dos adultos, vestia-se com adulez, com uma alta taxa de mortalidade (ARIÉS, 1981).

Durante a pesquisa fui tomada pelo gosto de escrever sem medo. Permitted que as ideias e composições oriundas de diferentes lugares tomassem conta, e ultrapassem o pensamento em forma de uma escrita que saltita. A infância ousada,

efeitos produz. Enaltece por sua exuberância e surpreende a cada encontro que pode surgir a partir dela. Em diferentes lugares, busquei estar atenta a tudo que pudesse recolher para o meu trabalho. A primeira delas foi feita após um banho quente, onde as interrogações sobre o problema de pesquisa pareciam jorrar sobre a minha cabeça. Registro o que escrevi no diário de campo.

Os lugares da infância, tantos quantos possíveis de se achar. Não demarcados pelo tempo e espaço. Infâncias sem moldes e etapas distante e indiferente a cronologia que impõe o tempo de um relógio (DIÁRIO DE CAMPO, 30/04/2014).

Partimos de que todo o ser humano nasce, cresce, se desenvolve, experimenta, amadurece e algum dia morre. O morrer poderia aqui estar definido como o fim da vida humana na terra, mas também, na possibilidade que temos em nos desprender para nos movimentar a outros horizontes incitando a experimentação de outras vivências. A importância do ser, na existência das coisas, sejam elas grandes ou pequenas, está na simplicidade em que elas causam. Dominar saberes, estratégias e resultados. É isso que as pessoas estão costumeiramente acostumadas a fazer no seu dia-a-dia. Prestar atenção a essa “gente pequena”, que vislumbra os lugares por onde passam soltas, livres, capazes de sensibilizar o nada com sua incompletude. É esse o caminho que eu quero percorrer (DIÁRIO DE CAMPO, 02/04/14).

Liliana Sulzbach em seu documentário “A invenção da infância” (2000), apresenta uma imagem de infância frágil e inocente numa contraditória representação dos dias atuais, uma sociedade que prioriza o consumo e explora o trabalho infantil. No livro, História Social da Criança e da família, Philippe Ariès aponta:

Até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la. É difícil crer que essa ausência se devesse à incompetência ou à falta de habilidade. É mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo (p.17).

A fronteira entre o adulto e a criança está desaparecendo estamos adeptos e inseridos em uma sociedade contemporânea que não controla mais a informação e tampouco os processos de aprendizagem.

Díaz (2010) aponta para o desaparecimento da infância:

Seja o desaparecimento da infância, seja o desenho de outro mundo infantil, com qualidades diferentes, o que parece evidente é que a infância como noção está se deslocando. Contudo, tal ocorrência não se encontra associada à visão de progresso, desenvolvimento ou evolução, mas sim ao acontecimento de um conjunto de práticas concretas de adultos e crianças em contextos históricos e culturais específicos (p.198).

A morte da infância poderia então estar associada a todas essas tentativas de compreendê-la como uma etapa enrijecida e sem possibilidades de “transver o mundo” (BARROS, 1996 em Livro sobre nada, p.51).

Nada como sentir o cheiro da terra que molha lentamente o chão. A grama ao ser cortada, a pipoca que estoura na panela, e o brigadeiro que se come de colher. E quando isso acontece, é como se estivéssemos revendo um filme, cenas que se prolongam em cenários diversos (DIÁRIO DE CAMPO, 30/04/2014).

Ah! Como é bom estar em infância! Ela é capaz de fazer qualquer pessoa se derreter. Detalhes minuciosamente escondidos e esquecidos nessa vida adulta. Ela não morre. Ela ecoa. Mas quais são as etapas que deve haver uma infância? Uma padronização perderia totalmente o sentido. Então, sejamos sensatos o suficiente para perceber que ela pode durar o tempo necessário para ser inesquecível (DIÁRIO DE CAMPO, 19/04/14).

A infância se ocupa de diferentes lugares. Seria injusto delimitar apenas um lugar. “Talvez a infância, assim como a poesia, não precise ser analisada, mas sentida. “Sofro medo de análise”, afirma o poeta Manoel de Barros. “As crianças parecem repeti-los em segunda voz.”(KOHAN, 2004, p.22).Desejos maiores e menores de acontecimentos e encontros. “Ela se torna desejável e necessária na medida em que as crianças não têm um ser definido:elas são, sobre tudo, possibilidades, potencialidades: elas serão o que devem ser. (KOHAN,2004,p.53)

Falo com cuidado porque não quero generalizar a infância, o infante (aquele que não fala) que passa por ela, deixa um pouco de si e também carrega um tanto de cada experiência. Dos lugares em que ela possa estar, posso numerar vários, porém, prefiro não utilizar-me de números e quantidades. Pretendo pensá-los em forma de rima e poesia. Lembrei do conto Menino a bico de pena, de Clarice Lispector (1998):

Como conhecer jamais o menino? Para conhecê-lo tenho que esperar que ele se deteriore, e só então ele estará ao meu alcance. Lá está ele, um ponto no infinito. Ninguém conhecerá o hoje dele. Nem ele próprio. Quanto a mim, olho, e é inútil: não consigo entender coisa apenas atual, totalmente atual. O que conheço dele é a sua situação: o menino é aquele em quem acabaram de nascer os primeiros dentes e é o mesmo que será médico ou carpinteiro. Enquanto isso – lá está ele sentado no chão, de um real que tenho de chamar de vegetativo para poder entender. Trinta mil desses meninos sentados no chão, teriam eles a chance de construir um mundo outro, um que levasse em conta a memória da atualidade absoluta a que um dia já pertencemos? A união faria a força. Lá está ele sentado, iniciando tudo de novo mas para a própria proteção futura dele, sem nenhuma chance verdadeira de realmente iniciar. Não sei como desenhar o menino. Sei que é impossível desenhá-lo a carvão, pois até o bico de pena mancha o papel para além da finíssima linha de extrema atualidade em que ele vive (p.136)

E nessas linhas, não lineares busco as minúsculas partículas que podem atribuir sentido aquilo que não percebemos a olho nu. Despida de verdades, desejo muito mais que cavemos, memórias inventadas como lembra Manoel de Barros, os esquecimentos, as invenções, as criações, e os afetamentos é isso que prezo no meu trabalho.

A chuva que hoje caiu, me fez pensar em como devemos olhar o dia cinzento pacientemente. As gotículas de água se infiltram na terra, os pássaros se aquecem nos ninhos, as flores se abrem para purificar a alma e eu estou aflita para saber o que irei encontrar com as crianças. A pele repele o coração bate a compassos desorientados, minutos de estranhamentos a rostos tão singulares, caminho em passos calmos e serenos, fui entrando aos poucos e quando vi, já estava na mesma altura que eles, vislumbrando seus sorrisos e olhos iluminados. O convite nada mais seria do que um mergulho em algo suscetível, desequilibrado, sem saber ao certo o que poderia surgir. Encorajar-se! E então quando já não éramos apenas estranhos caminhamos em direções e experimentações de uma cartografia infantil. Munidos com as máquinas fotográficas (digital e de filme), contemplamos os espaços da escola em que estavam inseridos. (DIÁRIO DE CAMPO 03/09/14).

Interrogações audaciosas trilhavam a minha pesquisa, afinal, que sutilezas de infâncias eu estaria sujeita a vivenciar? O nosso encontro foi com um grupo menor, de mais ou menos seis crianças⁶, mas ao entrar na sala e conversar com as crianças, praticamente todos se mostraram interessados em participar da

⁶ Ver anexo A

experimentação. O primeiro encontro foi com um grupo de onze crianças na faixa etária de seis a onze anos, em uma escola no interior do município de Santa Clara do Sul. Essa turma faz parte do Projeto Mais Educação, no turno oposto ao que tem aula.

“E quem conhece essas máquinas e como utilizam?”

- Eu tenho! (vários responderam ao ver a máquina digital)

- A gente pode ver as fotos, fazer vídeo também. (Menina de 6 anos)

Ao mostrar a máquina antiga pude ver a expressão de curiosidade e ao mesmo tempo de alegria. Uma menina disse que usava a máquina para brincar em casa. Saímos pelos corredores, em dois pequenos grupos, cada qual com uma máquina, depois realizamos a troca para ambos aproveitarem as experiências. Contaminados pela proposta a passos largos e desorientados ainda de como iriam proceder com cada particularidades. Uma mescla de ideias e subjetividades. Aos poucos emaranharam-se nos espaços com uma total liberdade. (DIÁRIO DE CAMPO, 03/09/14).

A maioria das crianças se interessaram pela máquina fotográfica de filme, queriam apreciar e tirar fotos com ela. Dedicamos um tempo para que ambos pudessem registrar momentos com a máquina. Três crianças permaneceram na sala e se recusaram a participar.

- “Mais longe, se não, não aparece tudo! Eu vou tirar de outra coisa”. Um menino se dirige até a entrada da escola e capta a foto dos carros que estão estacionados, vai mais perto para ter certeza de que pegou somente a parte do capô. Ir perto, que perto é esse? Entrar em uma fotografia não seria má ideia. O que queremos registrar mesmo? Observar os detalhes faz de mim, uma apreciadora de miudezas. (DIÁRIO DE CAMPO, 11/09/14).

Figura 1 – Grupos realizando os registros com as máquinas



Fonte: autora.

Figura 2 – Grupos realizando os registros com as máquinas



Fonte: autora.

Bastou o encontro, eu, as crianças, a mala cheia de problemas, permitindo que os resultados dessa prática fossem muito mais que significações e com explicações sobre o funcionamento da máquina. O ínfimo estava ali o tempo todo.

Em cada passo que davam ao encontro de algo que nem eles sabiam ao certo se era possível. A liberdade em passar pelos corredores, espiando os detalhes despercebidos e que estão presentes em todos os dias da vida escolar. Estar em grupo tem as suas vantagens, e ao mesmo tempo, se torna tão singular, intenso, caminhando juntos, mas captando o que importava para cada um.

Queria poder acompanhar mais de perto. Saber o que se passava em cada instante, mas é difícil saber o gosto de cada um. Os rastros da pesquisa se tornaram válidos pelas crianças. Vê-las aceitando o convite e aguçando as suas sutilezas foi magnífico. Mas não posso deixar de dizer que nem eu sabia se realmente era o certo ou errado. O chão bem abaixo dos meus pés movia-se a um lugar que eu não sei exatamente descrever (DIÁRIO DE CAMPO, 14/09/14).

Figura 3 - Foto de uma menina de 7 anos



Fonte: autora.

“Eu gosto desse jogo, o “payboling”, diz ela. Capturar os gostos, gostar de algo que traz a diversão e os intervalos das aulas mais divertidos, é poder compartilhar a alegria com os colegas (DIÁRIO DE CAMPO, 14/09/14).”

Figura 4 – Foto de menina de 11 anos



Fonte: autora.

Foto do fogão. “Eu gosto de comer comida, dá pra esquentar coisas nele”, acrescenta ela ao registrar. Acho que era nosso almoço, a menina sorri ao finalizar o que disse com satisfação. (DIÁRIO DE CAMPO, 14/09/14).

A função de um fogão certamente alimenta muita gente. Saciar a curiosidade e sede pelo que não é compreendido. A função de fotografar uma imagem inútil, desprovida de suas qualidades meramente hipnotizantes. “Este paradoxo entre visível e invisível é percebido, concretamente, no toque no *click*.” (GOMES, 2012, p.117). A memória que captura imagens, passagens, que são tão cotidianas que às vezes não mais as enxergamos o que elas podem. É o desejo atribuído em sentir e ver o mundo com outros olhos. O devir em um processo constante. Que emerge de lugares indefinidos e ainda não explorados. Está em qualquer instância, apenas apura em acontecer sem nenhum propósito, transbordando em possíveis “coisas”.

As crianças, o espaço e o corpo sendo únicos. A pesquisa incorporada em cada ato de ler, escrever, experimentar. Estamos entrelaçando pensamentos, por isso, atos de entendimento dispensam qualquer certeza absoluta.

Dúvidas? Muitas. Afinal, se não fossem elas não estaria compondo este trabalho com maior dedicação. O que quero saber? Não sei se as perguntas lançadas no início da pesquisa irão encontrar alguma resposta. Talvez, serão saídas para o meu problema, possibilidades para pensar, será uma junção entre eu e as crianças. O sentimento fica confuso, mas o combustível que eu tenho não se apagará com facilidade. Eu acolho por sensações que poucos percebem. Olho as coisas com o sentido de aproximar-me delas, mas não quero identificar o melhor ou pior. Tem momentos que eu fico paralisada sem saber o que estou fazendo, a pesquisa vai confrontando-me, desafiando em cada escrita e pensamento. É como se fosse um barco a deriva, o solo firme está longe, por vezes apenas apreciar a paisagem é o que devo fazer. (DIÁRIO DE CAMPO, 16/09/14).

O caminho percorrido no espaço da escola pelos grupos de crianças foi transformado, o espaço escolar sendo analisado por elas, minuciosamente os detalhes mudaram. Então quando já sabemos qual é o percurso que estamos andando o grupo depara com as miudezas de detalhes escondidos. Projetamo-nos ao encontro de afetamentos. Então se aproximam de mim, duas crianças que estavam na sala, no primeiro momento não queriam participar desta experiência, observando atentamente os grupos realizando as práticas, foram se aproximando e se permitindo a experimentarem-se com as máquinas e os colegas. Naquele momento, percebi que o trabalho que estava desenvolvendo ganhara o sentido ao qual eu me propus. Sim! Fomos afetados, eu, as crianças, a poesia, a fotografia, o chão, a árvore, o riso, a mão, e a escrita. Farina (s/a) expressa que:

[...] nos damos de contaminação na experimentação como abertura ao acaso. São da ordem do assolamento e podem nos levar em outras direções, absolutamente inimaginadas. Elas existem como potência e podem presentificar-se nas chances que nos damos de sermos mais e outros do que temos sido até então. Portanto, a experiência traz em si, a possibilidade da contaminação, porque é o espaço e o momento da abertura. A contaminação se dá pelo mundo, no coletivo, em encontros. Os encontros podem promover experiências que detonem processos criadores. Ocupo-me de pensar esses processos no campo da arte, a seguir. (p.3)

A poesia que me fez ir além das minhas expectativas, pois abre traços de um pensamento leve e colorido. Sentir o cheiro dos livros, folhear as páginas com a mais pura inocência, e encontrar em meio a palavras que remetem a uma infância potente, mexendo com o imaginário de cada um.

Em minhas mãos tenho uma imagem do Manoel de Barros, e uma das crianças ressalta, é uma pessoa alegre! E a outra completa: “ele é um vovô”. Soa tão simpático e afetuoso quanto o poeta. O que um poeta faz? “Poesias” responde uma menina de 11 anos. Muito mais que poesia, ele fala de vida, nas coisas, nos desobjetos, na incompletude que nos cerca. Ele é um canto que ecoa em lugares tão íntimos, ínfimos com uma grandeza que enobrece. (DIÁRIO DE CAMPO, 16/09/14).

Num pano, escrevi alguns trechos : “Eu quero pegar na semente da Palavra”; “Como as pedras, gosto das carícias dos caracóis”; “ Vi a metade da manhã no olho de um sapo”; “ Amo a nobreza do chão”; “ Queria que um passarinho escolhesse minha voz para seus cantos”. Deito na mesa os livros com as poesias do poeta Manoel. Convido-os para ler algumas. Minha surpresa foi tão alegre quanto à ousadia das crianças em querer saber o que havia nos livros. Duas crianças deste grupo ainda não sabem ler, e pediram para que eu fizesse a leitura para elas. “*Eu li sobre as borboletas*”; “ *A minha fala sobre enxergar coisas*”; “ *Uma árvore sobre que passou do telhado da sala*”; “ *Eu tô lendo sobre uma menina avoadada.*”

Figura 5 – Crianças



Fonte: autora.

Suscetíveis a escritas não lineares e costumeiramente tomadas em seu dia-a-dia, aguçados pelas linhas em que o poeta nos desafia a mergulhar a mundos distintos. “Um investimento na condução dos fluxos vitais em nossa existência, é preparação incessante de um campo subjetivo com o inusitado, para o seu favorecimento na condução desses fluxos.” (FARINA, s/a,p.4). Nessas linhas em que o fluxo permite experiências vitais, sentidas à flor da pele, e que celebram a alegria de um bom encontro. Direções que não estão em simetria, mas que se cruza em um olhar, e, posteriormente ao pensar sobre. Então nesse momento os sentimentos miscigenados a incompreensões altamente compreensivas. Afinal, como desprender das entranhas algo que carregamos com tanta veracidade?

Abertos as inúmeras interrogações prováveis em torno do problema. Criamos nesses encontros afinidades, os estranhos que agora ocupam o espaço e passam a se conhecer, juntos criam e problematizam questões fora do cotidiano. As fotografias revelam muito mais que uma simples explicação corriqueira, registra junto ao que somamos, sim, somar para poder compartilhar. “Fotografia e pesquisa são memórias do mundo ou máquina que altera e libera fluxos dos devires do visto e do sentido”. (GOMES, 2012, p.117).

Nosso segundo e último encontro foi leve, próximo e duvidoso. Digo isso, pois, contemplamos o entorno da escola, e pudemos conversar escutando o canto dos pássaros, vendo e sentindo a grama verde bem abaixo de nossos pés. Escalados em árvores, foram livres em todos os sentidos para ver o resultado de algo pessoal ao que nos propomos. Não estavam interessados em analisar as fotografias, mas queriam contemplá-las, ver realmente o que produziram em um dia que foram desafiados. As falas foram poucas, os olhos e o corpo estavam muito mais presentes.

Sabe aquela nostalgia de infância? Pois é, quando me deparei com aquele lugar fora da escola,e, principalmente com as árvores, senti uma felicidade tão grande, pois eu, assim como eles, tive a mesma alegria em poder subir em uma árvore a apreciar a vista mais alta. Algo simples, mas que remete a um tempo em que a vida era sublime e pura. A inocência alastrava os movimentos mais intensos. A imaginação estava por toda a parte. (DIÁRIO DE CAMPO, 17/09/14).

Figura 6 – Crianças



Fonte: autora.

Enrijeci ao querer sugar mais das crianças. Essa busca por respostas com sentido fez o desmoronamento vital para aceitar que não existe encontro bom ou ruim. Afetamentos dispostos a turbulentas sensações. Queria mais, muito mais, brechas que incendeiam em não parar a pesquisa por aqui. (DIÁRIO DE CAMPO, 17/09/14).

Estilhaços e reflexões em exposição. Também compõem-se com meu eu.

A poesia prevalece!!!
 O primeiro senso é a fuga.
 Bom...
 Na verdade é o medo.
 Daí então a fuga.
 Evoca-se na sombra uma inquietude
 uma alteridade disfarçada...
 Inquilina de todos nossos riscos...
 A juventude plena e sem planos... se esvai
 O parto ocorre. Parto-me
 (TEATRO MÁGICO, Amadurecência)

As expectativas foram além do que planejamos. Resultados não estão programados em linhas definitivas. O que não foi bem intencionado, o dito e o não

dito. Intercalamos relações confrontamos as verdades e desejos. E quando o silêncio fala mais alto? Invisibilidades! Farina (s/a) salienta:

Permitir o imprevisto é abrir-se às intensidades, e jogar com a liberação das faixas de frequência já captadas para ampliar as sintonias. É isto: qualificar a percepção é ampliar a capacidade de afetação, para que se faça sensível ao inédito, para que se pense o inédito. (p.8)

Escrevendo nas linhas curvas e não tão lineares deste trabalho, não enxergo o final exato dos caminhos que percorri. Os traços e buracos que cavei abriram brechas a outras sutilezas de uma infância do devir. Esqueçamos as paredes que nos limitam em ir além. Partindo-se em muitos outros tantos que podemos alcançar. O imprevisto aqui é permitido. Afinal, as diferenças nos completam. Sejam os inteiros ou pela metade, mas de alguma forma sejamos capazes de ver que existe algo em cada palavra, imagem, verbo, nos sons que nos rodeiam e nas imperfeições que nos tornam privilegiados.

O medo intercalava os suspiros e uma respiração acelerada. Diante da grandiosidade que vivenciei, produzimos sentidos a nossa prática. Engajada a olhar para a escola de outros modos, um espaço que pode ser considerado comum, é deslocado pelas lentes de uma máquina. Perceptíveis ou não, lançamos “Ao sair de casa e suspender as aprendizagens (aquelas que nos impedem de pensar), é preciso ter coragem para enfrentar os riscos.” (OLEGÁRIO; MUNHOZ,2014,p.161)

7 ...

Sigo caminhando em pistas movediças. O desejo é mais forte do que qualquer comodismo formal. Reticências para compor novas histórias, aconchegar novos problemas, arrumar a mala para que a próxima viagem seja tão alegre quando foi essa que aqui não se finda. É apenas o início, provocações que mostram o quanto somos capazes de aprender com as crianças, um sentimento que se difere na intenção desta pesquisa. O envolvimento derradeiro com a poesia que tocou minha alma e abriu novos horizontes para uma escrita que deforma os padrões estéticos e gramaticais. Com a pesquisa, pude ter uma aproximação com o mundo, maior que a imensidão do meu quarto. Não fraquejei em ir além das expectativas que talvez um dia eu acreditasse ser impossível.

A cartografia foi a minha aliada. O método cartográfico foi explorado por mim e pelas crianças envolvidas. Traçou linhas de dimensões grandes e pequenas. Exploramos sem medo a grama verde, a casca da árvore, o canto dos pássaros, o cheiro da terra, o livro aberto, a máquina que capta movimentações, o riso, o abraço.

Nunca me senti tão livre para escrever o que sinto. Mais do que isso carreguei comigo as interrogações sem a intenção de encontrar a resposta. A cada vez que eu estava mergulhada nessa pesquisa, surgiam ainda mais dúvidas. E quem tem a certeza? O envolvimento é inevitável.

Figura 7 – Registro de uma menina de 6 anos.



Fonte: autora.

Até mesmo, porque o que será do amanhã, sem o dia de hoje? O lápis aponta para direções. Sem sequer decifrar o ato. A mão segura, muitas vezes, insegura do que colocar na ponta do papel. E assim é a vida. A agulha na ponta dos dedos alinha histórias sem pretensão, arremata o tecido ínfimo, com profundos toques de leveza. As trilhas que percorri tiveram trilha sonora, com enredo válido, ganhos e perdas, mas a singularidade única de compor junto a pessoas especiais esta experiência formidável. Poetizando nos horizontes impermeáveis, clareando os becos. Cartografar a pesquisa do início ao fim, sem quantificar, mas sim potencializar. O ato, a busca, a pesquisa a lupa imaginária que expandiu a minha visão ereta para miopias consideráveis. Sejamos assim, capazes de expor a nossa vontade com os sopros do vento. As migalhas ficam. Melhor ser incompleta do que totalmente segura.

Por isso, escolhi as reticências e não o ponto final, pois não acredito em conclusões, quando se é tomada pelo devir infantil. Tudo é volátil. Os três pontinhos que se abrem a novas incertezas.

REFERÊNCIAS

ARIÉS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. LTC EDITORA, Rio de Janeiro, 1981.

BARROS, Manoel de. **Memórias Inventadas: as infâncias de Manoel de Barros/iluminuras de Martha Barros**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

_____. **Livro sobre o nada**. Biblioteca Manoel de Barros[coleção]/Manoel de Barros. São Paulo: LeYa,1996.

_____. **Só dez por cento é mentira**.2008.Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=XCMczEBull4>>. Acesso em: 4 maio 2014.

_____.**Menino do Mato**. Biblioteca Manoel de Barros[coleção]/Manoel de Barros. São Paulo: LeYa,2010.

_____.**Poemas Rupestres**. Biblioteca Manoel de Barros[coleção]/Manoel de Barros. São Paulo: LeYa,2004.

BARROS,Manoel. **Poemas concebidos sem pecado**.(1937) Biblioteca Manoel de Barros [coleção]/Manoel de Barros. São Paulo: LeYa,2013.

CORAZZA, Sandra Mara. **Uma vida de Professora**. Sandra Mara Corazza. Izuí:Ed.UniJuí,2005.-144p.

_____. Sandra Mara. **Infancionática: dois exercícios de ficção e algumas práticas de artifícios**. In: CORAZZA, Sandra; TADEU, Tomaz. *Composições*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 89-129.

COSTA, Luciano Bedin da. **Cartografia: uma outra forma de pesquisar**. Revista Digital do LAV - Santa Maria - vol. 7, n.2, p. 65-76 - mai./ago.2014. Disponível em: <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/revislav/article/view/15111/pdf>>. Acesso em:21 setembro 2014.

COSTA, Luciano Bedin da. **Cartografias Infantis**. Setrem Faculdade Três de Maio. Aula ministrada pelo professor Luciano Bedin da Costa na Universidade Setrem. Disponível em: <http://sabi.ufrgs.br/F/ELFK9Y9SV274LSPXXCBLRT9X37SJ5PT2IQQ6YDBB9MHRF5T3MV-09216?func=findb&REQUEST=cartografias+infantis&find_code=WRD&ADJACENT=N&x=0&y=0>. Acesso em: 29 out. 2014.

COSTA, Rosiara Pereira. **O devir-infantil do pós currículo**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Dissertação do Mestrado no Programa de Pós-graduação em Educação, PPGEDU. Faculdade da Educação, FAGED. Porto Alegre, 2007.

CEZAR, Claudia Zimmer de Cerqueira. **Série Cartografia do Meio e Outros Meios**. Porto Alegre, v.11, n.2, jul./dez.2008. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/InfEducTeoriaPratica/article/view/8119>>. Acesso em: 16 maio 2014.

COSTA, Luis Artur; ANGELI, Andréa do Amparo Carotta de; FONSECA, Tania Mara Galli. Cartografar. In: GALLI, Tania Mara. **Pesquisar na diferença: um abecedário**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

DELEUZE, Gilles. **Diálogos**. Gilles Deleuze, Claire Parnet; tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. vol.4. Gilles Deleuze; Félix Guatarri. Tradução de Suely Rolnick. São Paulo: ed.34, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. Gilles Deleuze, tradução de Peter Pál Pelbart. - São Paulo: Ed:34, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. vol.1. Gilles Delleuze, Félix Guatarri. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. -Rio de Janeiro: Ed.34, 1995.

DÍAZ, Dora Lilia Marín. Morte da Infância Moderna ou Construção da Quimera infantil? **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S010031432010000300012&script=sci_arttext>. Acesso em: 15 maio 2014.

FARINA, Cynthia. **Pedagogia dos afetamentos**. CEFET (RS), s/a. Disponível em: <<http://www.cefetes.br/gwadoctpub/Pos-Graduacao/Especializa%C3%A7%C3%A3o%20em%20educa%C3%A7%C3%A3o%20EJA/Publica%C3%A7%C3%B5es/anped2001/textos/t2029307386971.PDF>> Acesso em :5 outubro 2014.

FONSECA, Tania Maria Galli. **Cartografia e devires: a construção do presente** (org). Porto Alegre: Ed.UFRGS, 2003.

GALEANO, Eduardo. **Um mar de fueguitos**. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=DaU1Pv4u1ws>>. Acesso: 13 maio 2014.

GOMES, Patrícia Argôllo Gomes. Fotografar: capturar a passagem. In: FONSECA, Tania Mara Galli (org). **Pesquisar na Diferença: um abecedário**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

JÓDAR, Francisco. **Devir-Criança: experimentar e explorar outra educação**. Revista: Educação e Realidade, julho/dezembro, 2002. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25914>>. Acesso em: 22 maio 2014.

KOHAN, Walter Omar. **Lugares da infância: filosofia**. Rio de Janeiro : DP&A, 2004.
LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. Texto de Jorge Larrosa, tradução de Alfredo Veiga Neto, 5.ed. Belo Horizonte; Autêntica, 2010.

LAZZAROTTO, Gislei Domingas Romanzini e Julia Dutra de Carvalho. Afetar. In: FONSECA, Mara Galli. **Pesquisar na diferença: um abecedário**. (Org.). Porto Alegre: Sulina, 2012.

LINHARES, Andrea Regina Fernandes. **Memórias Inventadas: Figurações do sujeito na escrita autobiográfica de Manoel de Barros**. Mestrado em História da Literatura. Fundação Universidade do Rio Grande./Julho de 2006.

LISPECTOR, Clarice. Menino a bico de pena. In: **Felicidade Clandestina: contos**/Clarice Lispector.-Rio de Janeiro: Rocco, 1998, 1ª edição.

NETO, Miguel Sanches. **Achados do chão**. Editora UEPG. Paraná, 1997.

OLEGÁRIO, Fabiane. Anotações e Rabiscos. Um modo menor de olhar a infância. In: MUNHOZ, Angélica Vier. **Diálogos na pedagogia: coletâneas**. Angélica Vier Munhoz (Org.). Lajeado: Ed.UNIVATES, 2012.

OLEGÁRIO, Fabiane. **Rastros das linhas menores de escrita**. Dissertação (Mestrado). Universidade de Santa Cruz do Sul, 2011. Disponível em: <<http://btd.unisc.br/Dissertacoes/FabianeOlegario.pdf>>. Acesso em: 21 maio 2014.

OLEGÁRIO, Fabiane e Angélica Munhoz. **Escrita Ensaística: fragmentos menores**. Centro Universitário Univates, Lajeado, 2014. Disponível em: <<http://www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/Fractal/article/view/746/963>>. Acesso em :21 setembro 2014.

PASSOS, Eduardo. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade** (Orgs). Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Suely Rolnik. Porto Alegre: Sulina, 2006.

SULZBAC, Liliana. A INVENÇÃO da infância. **Youtube**. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=AaSQ7HeUugU>>. Acesso em: 24 abr. 2014.

TEATRO MÁGICO. **Amadurecência**. Disponível em:<
<http://www.vagalume.com.br/o-teatro-magico/amadurecencia.html>>. Acesso em: 21
setembro 2014.

ANEXOS

ANEXO A

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

RESPONSÁVEIS PELAS CRIANÇAS

Eu, _____, aceito que meu/ minha filho(a) participe das atividades desenvolvidas pela acadêmicaque está em fase de elaboração do Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia do Centro Universitário UNIVATES – Lajeado/RS.

Fui esclarecido(a) de que a pesquisa poderá se utilizar de observações, imagens fotográficas e filmagens de situações do recreio escolar. As fotografias e as filmagens que serão geradas terão o propósito único de pesquisa, respeitando-se as normas éticas quanto ao seu uso e ao sigilo nominal de meu/minha filho(a).

Esse trabalho pode contribuir no campo educacional, por isso, autorizo a divulgação das imagens fotográficas, filmagens, observações para fins exclusivos de publicação e divulgação científica e para atividades formativas de educadores.

Santa Clara do Sul;RS, ____ de _____ de 2014.

Nome da criança: _____.

Responsável legal pela criança: _____.

Aluna: _____